

SOCIOLINGUÍSTICA COGNITIVA:

UM OUTRO OLHAR PARA A VARIAÇÃO LINGUÍSTICA

10.29327/210932.9.1-9

Marcilene da Silva Cavalcante
Universidade Federal do Amazonas
marciletrasbc@hotmail.com
<https://orcid.org/0000-0002-0008-5097>

Flávia Santos Martins
Universidade Federal do Amazonas
flavinhaingrid@yahoo.com.br
<https://orcid.org/0000-0001-7395-8656>

RESUMO: Este artigo teve como principal objetivo mostrar a intersecção entre a Sociolinguística variacionista e a Linguística Cognitiva, o que resultou em uma nova vertente da Linguística: a Sociolinguística Cognitiva. Nesse sentido, fez-se uma exposição teórica sobre as referidas áreas e seus principais conceitos e contribuições, a partir dos estudos de Silva (2010) e Ferrari (2016). Na análise dos dados, foram apresentadas amostras orais coletadas de 18 moradores do município de Tabatinga, no Amazonas. Os resultados comprovaram que há uma variação semântica no uso de ‘mesmo’ e, ao mesmo tempo, nesses contextos, há operações de perspectivação conceptual, como proeminência de Langacker (2008).

PALAVRAS-CHAVE: Sociolinguística. Linguística Cognitiva. Variação linguística.

INTRODUÇÃO

O presente estudo é um recorte de uma proposta investigativa que tem como objetivo central desenvolver um estudo sobre usos e funções de ‘mesmo’ no português falado e escrito do Amazonas, sob a perspectiva teórica da Linguística Cognitiva em interface com a Sociolinguística. Os objetivos traçados, neste artigo, dentro do recorte, consistem em: i) mostrar a intersecção entre a Sociolinguística Variacionista e a Linguística Cognitiva (Sociolinguística Cognitiva) através de um estudo sobre *os usos e funções do item ‘mesmo’* a partir de amostras orais coletadas no Amazonas, especificamente na cidade de Tabatinga; ii) analisar de que forma os contextos linguísticos (fatores cognitivos) e extralinguísticos (*faixa etária, sexo e escolaridade*) influenciam o uso de ‘mesmo’. Em relação aos fatores cognitivos, especificamente, foi realizada uma análise descritiva para aplicar o princípio de proeminência proposto por Langacker nos contextos linguísticos, nos quais ‘mesmo’ aparece como *reforçador*.

Este artigo está organizado da seguinte forma: primeiramente, são discutidas questões relativas à Sociolinguística, à Linguística Cognitiva e, por fim, à Sociolinguística Cognitiva. Em seguida, após esse arcabouço teórico, são elucidados os procedimentos metodológicos adotados para a realização desta pesquisa, assim como é realizada uma discussão

sobre o objeto de estudo. Em sequência, temos a análise quanti-qualitativa que traz os resultados apresentados por meio de tabelas e gráficos, bem como faz uma avaliação descritiva do objeto à luz da teoria cognitivista.

UM POUCO DA SOCIOLINGÜÍSTICA

É consensual entre os estudiosos da área da linguística que o principal marco para o surgimento da Linguística Moderna foi a publicação do Curso de Linguística Geral editado por discípulos de Ferdinand de Saussure, no ano de 1916. Nascia assim o modelo do Estruturalismo que considera a língua como um sistema. No final da década de 1950, esse modelo teórico de Saussure é impactado pelos estudos gerativistas de Noam Chomsky, com a publicação da obra *Syntactic Structures*, abordando a linguagem como inata. Essas duas abordagens teóricas relegavam, de maneira geral, o aspecto social da língua.

Dentro desse cenário, emergiram novas pesquisas que culminaram na realização de uma conferência sobre Sociolinguística na Universidade da Califórnia em Los Angeles, no ano de 1964. Essa conferência foi organizada por William Bright e teve a participação de vários pesquisadores, como: John Gumperz, Einar Haugen, Dell Hymes, John Fisher, José Pedro Rona e William Labov. Alkmim (2012, p. 31) explica que, “de fato, a constituição da Sociolinguística se fez, claramente, a partir da atividade de vários estudiosos e pesquisadores que deram continuidade à tradição, inaugurada no começo do século XX por F. Boas (1911)”. Atribui-se ao texto “As dimensões da sociolinguística”, de Bright, o nascimento da Sociolinguística, com um caráter interdisciplinar, isso devido à contribuição de diferentes campos do saber, como a Antropologia, Psicologia, Etnologia, Etnografia da Fala, entre outras. Conforme é declarado por Alkmim (2012, p. 31), “o estabelecimento da Sociolinguística, em 1964, é precedido pela atuação de vários pesquisadores. Em 1962, Hymes publica um artigo em que propõe um novo domínio de pesquisa, a Etnografia da Fala, rebatizada mais tarde por Etnografia da Comunicação”. No entanto, historicamente, essa ciência se solidificou a partir dos estudos de William Labov (1972), que é considerado o precursor dos estudos sociolinguísticos com a abordagem da teoria variacionista. Calvet (2002, p. 33) ratifica essa afirmação ao escrever que:

Labov trabalha continuamente com situações contemporâneas concretas, enfrenta problemas de metodologia da pesquisa, em suma, constrói um instrumento de descrição que tenta ultrapassar, integrando-os, os métodos heurísticos da linguística estrutural. De suas pesquisas nascerá a corrente conhecida pelo nome de “linguística variacionista”.

De fato, os trabalhos labovianos, alguns encontrados em *Padrões Sociolinguísticos* (2008 [1972]), foram determinantes para o reconhecimento da Sociolinguística como ciência e serviram como parâmetros para diversos estudos da língua em seu contexto social. O trabalho mais reconhecido de Labov foi publicado em 1963. Nesse trabalho, Labov apresenta os resultados sobre o estudo realizado na comunidade da ilha de *Martha's Vineyard*, localizado no litoral de *Massachusetts*, “em que sublinha o papel decisivo dos fatores sociais na explicação da variação linguística, isto é, da diversidade linguística observada. [...] os fatores relacionados foram idade, sexo, ocupação, origem étnica e atitude ao comportamento linguístico” (ALKMIM, 2012, p. 32).

É importante dizer que a Sociolinguística surgiu num cenário em que o estudo da linguagem era dissociado do aspecto social e, por isso, a nova ciência chamada de Sociolinguística propõe estudar exclusivamente a língua em uso e suas variações conforme as comunidades que a partilham.

A Sociolinguística é, portanto, uma vertente da Linguística “que estuda a língua em uso no seio das comunidades de fala, voltando a atenção para um tipo de investigação que correlaciona aspectos linguísticos e sociais”, explica Mollica (2008, p. 9). Uma comunidade de fala “se caracteriza não pelo fato de se constituir por pessoas que falam do mesmo modo, mas por indivíduos que se relacionam, por meio de redes comunicativas diversas, e que orientam seu comportamento verbal por um mesmo conjunto de regras”, esclarece Alkmim (2012, p. 33).

Coelho *et. al* (2015, p. 12) assinalam que a “Sociolinguística é uma área da Linguística que estuda a relação entre a língua que falamos e a sociedade em que vivemos”, e, ao mesmo tempo, chama atenção afirmando que:

Além de perceber que a Sociolinguística não é a única área da Linguística que se ocupa da relação entre língua e sociedade, é importante que tenhamos consciência de que sociolinguística é um termo bastante amplo, que engloba diferentes formas de olhar para essa relação.

Essa questão deve-se ao fato de que outras áreas de conhecimento se dedicam, mesmo de modo distinto, ao estudo da língua no contexto social. Além disso, dentro da própria Sociolinguística, há outras propostas, tais como: Sociolinguística Paramétrica proposta por Tarallo (1987); a Sociolinguística Educacional, denominação dada por Bortoni-Ricardo (2004) e a Sociolinguística Cognitiva, vertente defendida por Gitte Kristiansen e René Dirven (2008), que, assim como as demais áreas citadas, enfoca fenômenos linguísticos em situações reais de uso, mas esse enfoque se dá a partir do intercruzamento teórico-metodológico da Linguística Cognitiva e a Sociolinguística.

Em suma, a Sociolinguística tem por finalidade estudar e explicar os fenômenos que estão sujeitos à língua e tem como foco principal o uso da língua no contexto social. Nesse sentido, Mollica (2008, p. 11) assevera que “cabe à Sociolinguística investigar o grau de estabilidade ou de mutabilidade da variação, diagnosticar as variáveis que têm efeito positivo ou negativo sobre a emergência dos usos linguísticos alternativos e prever seu comportamento regular e sistemático”.

Para os sociolinguistas, a língua é suscetível a variar e mudar, e essas variações podem ser decorrentes de grupos de fatores extralinguísticos, ou mesmo da própria língua. Por exemplo, são caracterizados como variáveis externas à língua: etnia, escolaridade, sexo, nível de renda, dentre outras; e as internas à língua são de natureza fonético-fonológicas, morfológicas, morfofonológicas, sintáticas, morfossintáticas, semânticas, discursivas e lexicais.

Precisa-se, portanto, reconhecer as mudanças na sociedade, compreender como se comportam as pessoas que partilham do mesmo código linguístico, para entendermos como essas condições propiciam as mudanças linguísticas, pois esses fatores têm influência direta e indireta nos processos de variação e/ou mudança das línguas, porque a língua demonstra uma relação dos usos feitos pelos grupos sociais e suas práticas linguísticas.

Conclui-se que a Sociolinguística se centraliza no estudo da língua em uso para explicar a variação e o grau de estabilidade; ou a mudança que provém de uma determinada variação, observando as variáveis com efeito positivo ou negativo dos usos linguísticos alternativos. As diferentes formas de falar e escrever caracterizam os usuários de determinada língua.

Isso porque a língua sofre modificações o tempo todo e em todo o tempo. Essas modificações são longas e contínuas no processo histórico. Pode-se também dizer que as mudanças procedem das variações, mas nem toda variação provoca mudanças. Na fala, as mudanças são mais rápidas e perceptíveis. No caso da língua escrita, as mudanças são mais lentas, isso porque a escrita segue padrões estruturalizados que precisam ser observados por todos os membros da comunidade de fala.

No entanto, o fato de que as línguas são mutáveis é inquestionável. Um processo de mudança implica necessariamente na substituição gradual de uma forma recorrente por outra forma inovadora. Com o aumento da frequência do uso dessa forma inovadora, a antiga pode cair em desuso. Isso significa dizer que “a mudança se dá à medida que um falante aprende uma forma alternativa, durante o tempo em que as duas formas existem em contato dentro de sua competência, e quando uma das formas se torna obsoleta”, explicam Weinreich, Labov e Herzog (2006 [1968], p. 122).

A Linguística Histórica já mostrou que em muitos casos as variações linguísticas frequentemente ocasionam mudanças linguísticas. Entretanto, Weinreich, Labov e Herzog (2006, p. 126) concluem que “nem toda variabilidade e heterogeneidade na estrutura linguística implica mudança; mas toda mudança implica variabilidade e heterogeneidade”. Por conta dessa mutabilidade e dessa heterogeneidade linguística e social, é que se percebe que toda língua pode apresentar uma extensa gama de variantes.

Definidos os fundamentos teóricos e os objetos de pesquisa estudados nessa abordagem, vejamos quais são as contribuições dessa área para a ciência e para a sociedade.

Nessa vertente, pode-se dizer que para a Linguística, uma das contribuições da pesquisa sociolinguística se refere à constatação de que toda língua é heterogênea, ou seja, tem variações em diferentes níveis de sua estrutura. Além disso, constata que essa heterogeneidade é ordenada. Isso mostra que a variação é um fenômeno característico da língua e que grupos de fatores linguísticos e extralinguísticos são responsáveis pela ocorrência do fenômeno. No campo educacional, os estudos sociolinguísticos contribuíram para ampliar a visão do docente de Língua Portuguesa sobre a língua no contexto social, bem como para reconhecer as diferentes variedades do Português Brasileiro como legítimas.

Enfim, pode-se concluir que a Sociolinguística é uma ciência em ebulição, principalmente quanto aos procedimentos metodológicos, e suas pesquisas se tornaram inovadoras, ao se aproximarem de outras áreas como o Funcionalismo e o Cognitivismo que orientam as análises linguísticas por outros princípios teóricos. Essa aproximação com o Cognitivismo e a interrelação das vertentes chama-se hoje de Sociolinguística Cognitiva, considerada um campo extremamente fértil para pesquisas mais avançadas sobre a linguagem, e que vem suprir, de certa forma, o conteúdo teórico, reclamado por alguns estudiosos. A seguir, apresentaremos um pouco da Linguística Cognitiva que é a área teórica que vem associando suas teorias ao estudo da variação linguística.

LINGUÍSTICA COGNITIVA: ALGUMAS CONSIDERAÇÕES PRELIMINARES

A Linguística Cognitiva (LC) pode ser considerada uma ciência multidisciplinar, uma vez que agrega teorias compartilhadas por outras áreas como: Antropologia, Psicologia, Filosofia da Linguagem, Neurolinguística e Psicolinguística. Levando em conta esse conglomerado de teorias, Ferrari (2016a, p. 14) adverte que não se deve pensar na Linguística Cognitiva como uma área homogênea, pois “a área reúne um conjunto de abordagens que compartilham hipóteses centrais a respeito da linguagem humana, e, ao mesmo tempo, detalham aspectos particulares relacionados aos desdobramentos dessas hipóteses”. Em relação a essas hipóteses compartilhadas, Ferrari (2016a, p. 14) segue afirmando: “destaca-se a concepção da linguagem humana como instrumento de organização, processamento e transmissão de informação semântico-pragmática, e não um sistema autônomo”. Apesar da relação interdisciplinar com outras áreas, a Linguística Cognitiva se distingue de outras ciências cognitivas, como a gerativa, por exemplo, sendo atrelada às chamadas Ciências Cognitivas Corporizadas. Silva (1997, p. 59) explica que a LC é

Uma abordagem da linguagem perspectivada como meio de conhecimento e em conexão com a experiência humana do mundo. As unidades e as estruturas da linguagem são estudadas, não como se fossem entidades autônomas, mas como manifestações de capacidades cognitivas gerais, da organização conceptual, de princípios de categorização, de mecanismos de processamento e da experiência cultural, social e individual.

De acordo com essa afirmação, entendemos que a LC considera a linguagem como um instrumento para organizar e categorizar o conhecimento a partir das nossas experiências em contato com o mundo. Além disso, a linguagem não pode ser estudada de forma isolada de outras entidades, pois ela não é autônoma, nem modular, conforme defende Langacker (2008, p. 15) ao afirmar que “léxico, morfologia e sintaxe formam um *continuum*”. Daí decorrem dois princípios básicos que caracterizam a LC: o princípio da não-modularidade e o do não-objetivismo.

O princípio de não-modularidade defende que a linguagem não é independente de outras faculdades mentais. Isso significa que os cognitivistas têm uma visão integradora do fenômeno da linguagem que é considerada como um instrumento para organizar, processar e transmitir informações, em outras palavras, como algo primariamente semântico. Sendo assim, a linguagem é toda sobre significado, o que justifica o fato de a LC priorizar a semântica (FERRARI, 2016a, p.16). No entanto, na LC, mais especificamente, na Semântica Cognitiva, o significado é visto de quatro formas bem específicas, conforme Geeraerts (2008).

O significado linguístico é perspectivado, ou seja, não há uma representação real do mundo, mas as expressões linguísticas podem ser diferentes maneiras de interpretar o mundo e cada indivíduo interpreta de acordo com o seu ponto de vista. Silva (2008, p. 18) explica que “o significado não é um espelho objectivo do mundo, não é uma questão de relações entre a linguagem e o mundo, mas é o meio de construir o mundo e de o construir de determinada maneira ou perspectiva e, assim, de perspectivas alternativas”. Portanto, na Semântica Cognitiva, o significado é conceptualização, e essa capacidade mostra “que falar implica sempre em uma escolha”, conclui Silva (2008, p. 18).

Geeraerts (2008) ainda explica que o significado linguístico é dinâmico e flexível, ou seja, o significado é mutável, pois está diretamente relacionado às experiências e mudanças que ocorrem no mundo e por isso exige adaptações por meio de novas categorias semânticas. Assim, não é possível pensar em estruturas rígidas e, sim, são necessárias estruturas flexíveis. Como, por exemplo, não é possível pensar numa estrutura rígida para categorizar os peixes somente considerando um tipo de peixe, mas há uma estrutura flexível de semelhança familiar que é capaz de lidar com os casos periféricos.

O significado linguístico é enciclopédico e não autônomo. Nesse aspecto, a Semântica Cognitiva nega a questão da modularidade apregoada pelo gerativismo, pois, nesse enfoque cognitivista, a linguagem não é modular, nem é separada de outras formas de conhecimento do mundo, ou seja, o conhecimento do mundo é integrado com todas as outras habilidades cognitivas. Duque e Costa (2012, p. 61) afirmam que “as faculdades cognitivas não são separadas: a linguagem não constitui um módulo inato, separado de outras capacidades cognitivas do ser humano”. Essa afirmativa se justifica nos pressupostos da teoria da corporalidade para a qual somos seres corporificados e não mentes puras e que não somos apenas entidades biológicas, ponto de vista defendido pelos conexionistas; é imprescindível compreender que o ser humano tem uma identidade cultural e social e que as línguas resultam das experiências históricas e culturais de grupos de falantes.

Por fim, o significado linguístico é baseado no uso e na experiência. Nesse aspecto, a Semântica Cognitiva propõe uma mudança de perspectiva de estudos da linguagem, defendendo que o conhecimento linguístico tem uma natureza experimental e o significado é totalmente integrado à experiência. Por essa razão, os cognitivistas não concordam com a hipótese da autonomia da sintaxe, pelo contrário, a estrutura gramatical é associada ao significado da linguagem em uso real. Conforme afirmam Duque e Costa (2012, p. 63), “o conhecimento linguístico emerge e se estrutura a partir do uso da língua em eventos comunicativos reais”. Com base na não-autonomia da linguagem, a Linguística Cognitiva postula que a semântica linguística também não é autônoma. Isso implica dizer que certos significados exigem outros conhecimentos subjacentes para a sua descrição completa. Ou seja, certas predicções linguísticas pressupõem domínios não-básicos para sua caracterização semântica, o que, segundo Langacker (1987), constitui a “matriz complexa”. É possível que certas predicções linguísticas sejam caracterizadas unicamente em relação a um ou mais domínios de base, porém a maioria refere-se a níveis mais elevados de organização conceptual e exigem outros domínios cognitivos. Essa abordagem de cunho empirista se distancia, portanto, das abordagens formais da Semântica, pois leva em conta a base corporal da experiência humana e, essa base corporal é defendida pela tese da corporalidade. Ferrari (2016a, p. 21) explica que

[...] a Linguística Cognitiva adota uma perspectiva empirista, alinhando-se a tradições psicológicas e filosóficas que enfatizam a experiência humana e a centralidade do corpo humano nessa experiência. Dentro dessa perspectiva, a investigação da mente humana não pode ser separada do corpo, de modo que a experiência, a cognição e a realidade são concebidas a partir de uma ancoragem corporal.

Diante disso, compreende-se que a natureza corporizada do pensamento e da linguagem se relaciona ao fato de que somos capazes de conceptualizar e categorizar vários processos de construção de sentidos através de nossa experiência corpórea com o mundo.

Desse modo, no campo da LC, pode-se afirmar que a linguagem resulta de um processo mental e social, ou seja, nossas experiências corpóreas e socioculturais são ativadas cognitivamente e permitem, assim, compreender melhor o mundo. Portanto, as experiências do homem no mundo afetam sua cognição e vice-versa. As principais ideias dessa concepção podem ser assim resumidas:

O pensamento é “enraizado” no corpo, de modo que as bases de nosso sistema conceptual são percepção, movimento corporal e experiências de caráter físico e social. – O pensamento é imaginativo, de forma que os conceitos que não são diretamente ancorados em nossa experiência física empregam metáfora, metonímia e imagética mental, caracterizados por ultrapassar o simples espelhamento literal da realidade. – O pensamento tem propriedades gestálticas: os conceitos apresentam uma estrutura global não atomística, para além da mera reunião de “blocos conceptuais” a partir de regras específicas (FERRARI, 2016a, p. 22).

Outro princípio importante refere-se à relação sistemática entre linguagem, pensamento e experiência, é a visão do não-objetivismo. Essa integração leva em consideração a captação de dados para construção dos significados a partir do contato com o mundo e esse contato se dá por meio dos nossos sentidos corporais. Segundo essa teoria, portanto, nossa mente não é separada do corpo e nosso pensamento é corporificado “no sentido de que sua estrutura e sua organização estão diretamente associadas à estrutura de nosso corpo, bem como às nossas restrições de percepção e de movimento no espaço” (MARTELOTTA; PALOMANES, 2015, p. 181).

Geeraerts (2008) afirma que o significado linguístico é perspectivado e dessa concepção vem a máxima da semântica cognitiva: o significado é conceptualização. O conceito de perspectivação conceptual está atrelado à noção de proeminência e consiste nos diferentes modos de conceptualizar determinado evento. Conforme afirma Silva (2008, p. 3):

A expressão mais generalizada em Linguística Cognitiva para designar os modos alternativos de conceptualizar determinada situação é *perspectivação conceptual* (“construal”). Trata-se efectivamente de uma capacidade cogn(osc)itiva geral e de uma capacidade que mostra que falar implica sempre uma escolha.

Nesse mesmo sentido, Gonçalves-Segundo (2017, p. 78) reitera que:

A perspectivação conceptual consiste na estruturação semântica de uma experiência, materializada em enunciados concretos e resultado de uma atividade de conceptualização que é possibilitada e limitada pelas coerções cognitivas advindas do seu corporeamento, o que inclui tanto fatores biológicos quanto fatores sócio-histórico-culturais. Do ponto de vista do consumidor textual, a perspectivação conceptual apresenta pistas referenciais e relacionais materializadas no enunciado concreto, que representam uma alternativa de estruturação semântica da realidade, responsável por ativar nós em uma rede complexa de conceitos e categorias, que se associam a experiências multimodais corporeadas e simuladas de introspecção, ação e emoção.

Com essa afirmação, pode-se compreender que há uma associação de diferentes abordagens teóricas que culminam nessa proposta de perspectivação conceptual; a que mais se destaca é a noção da corporificação que norteia todo o processo de construção linguística. Há possibilidades de elementos referenciais e relacionais explicitados materialmente no enunciado; esses elementos são responsáveis pela ativação dos conceitos e categorias já

armazenados em nossa memória ao longo da nossa vivência. Nesse sentido, as abordagens cognitivas sobre gramática são diferentes. Para este estudo, adotou-se o modelo da Gramática Cognitiva.

O modelo teórico da Gramática Cognitiva (GC) foi introduzido por Langacker nos anos 1970 por meio de sua obra *Foundations of Cognitive Grammar*, considerada como fundamental para o reconhecimento da Linguística Cognitiva como ciência.

A gramática na perspectiva cognitiva se fundamenta em dois princípios os quais correspondem ao reconhecimento de duas funções básicas da linguagem: i) a linguagem é um sistema simbólico do próprio processo de conceptualização; ii) a linguagem é um meio de comunicação/interação.

Em relação ao primeiro princípio, Langacker (1990) afirma que há diversas teorias linguísticas contemporâneas que são aceitas sem questionamentos. Essas teorias postulam alguns pontos como os seguintes: (i) a linguagem é um sistema autossuficiente, com autonomia para ser estudada em isolamento das preocupações cognitivas mais amplas; (ii) a gramática (a sintaxe, em particular) é um aspecto da estrutura linguística independente e distinto de léxico e semântica; (iii) se o significado é da competência de análise linguística, é apropriadamente descrito por algum tipo de lógica formal baseada em condições de verdade.

Entretanto, para a GC, a linguagem não é independente, nem descritível, sem referência essencial ao processamento cognitivo. As estruturas gramaticais não constituem um sistema formal autônomo. Elas são inerentemente simbólicas. Léxico, morfologia e sintaxe formam um contínuo de unidades simbólicas. As estruturas semânticas são caracterizadas em relação a sistemas de conhecimento cujo escopo é essencialmente aberto. Seu valor não só reflete o conteúdo de uma situação concebida, mas também a forma como esse conteúdo é estruturado e interpretado.

A Gramática Cognitiva é como um “inventário estruturado de unidades simbólicas” (LANGACKER, 1987, p. 73). Isso significa dizer que toda expressão linguística é um símbolo formado pela associação de um polo fonológico e um polo semântico. Entende-se, portanto, que há um pareamento de forma-significado em cada item lexical. Na forma, temos a fonologia; no significado, a semântica. De acordo com essa concepção, há um *continuum* entre sintaxe e léxico, conforme defende Langacker (2008, p. 15), ao afirmar que “léxico, morfologia e sintaxe formam um *continuum*”, e há uma indissociabilidade de gramática e semântica.

Quanto ao segundo princípio de que a linguagem é um meio de comunicação/interação, Langacker esclarece que as unidades simbólicas são esquemas abstraídos de eventos de uso. Isso significa que a gramática deve ser um modelo baseado no uso, uma vez que o conhecimento de uma língua emerge do uso. Abreu (2010, p. 12) reforça que a gramática de uma língua, na visão cognitiva, “é resultado de conceptualizações, ou seja, envolve a maneira como vemos e recortamos o mundo, como criamos categorias e como estabelecemos semelhanças ou analogias entre as coisas”.

Nessa proposta, a gramática é entendida como um sistema que se estrutura com base em processos cognitivos específicos, como as relações de categorização e os mecanismos de projeção de significados, como metáfora, metonímia, esquemas imagéticos, entre outros. Em síntese, “a gramática é conceptualização” (LANGACKER, 2008, p. 3).

O termo conceptualização é interpretado de forma bastante ampla. “Abrange novas concepções, bem como conceitos fixos, envolvendo o sensorial, a sinestésica, e a experiência emotiva, o reconhecimento do contexto imediato (social, físico e linguístico), e assim por diante” (LANGACKER, 1990, p. 30). Nesse sentido, a conceptualização é de natureza dinâmica e possibilita a compreensão, em vários níveis, da experiência física e mental, experiência emocional, motora, sensorial, processamento temporal e todos esses conceitos em relação a seus contextos linguísticos e sociais.

De acordo com o exposto, a GC postula um número de classes básicas que diferem na natureza de seu perfilamento. Vejamos um pouco sobre essas classes gramaticais, uma vez que nosso objeto de estudo se encaixa nessa categoria.

Sem categorização, não temos modelos para identificar os elementos. Assim, Langacker (2008, p. 94) inicia o capítulo quatro de *Cognitive Grammar - An Introduction*. Acrescenta o exemplo da fonologia em que há as consoantes e as vogais.

Quanto à categorização das palavras, Langacker (2008, p. 95) chama a atenção para a questão do protótipo de cada categoria. Ou seja, os nomes identificam coisas físicas, como: colher, carro, cachorro, sombrinha. Os verbos designam ações ou eventos: correr, explodir, bater. Os adjetivos especificam as propriedades: azul, alto, inteligente. Porém, é claro, no caso dos nomes, há coisas que não são físicas, como: ar, beleza, tempo, explosão, filosofia. Como a Gramática Cognitiva explica isso? A Gramática Cognitiva define as categorias levando em conta a semântica das palavras a partir do contexto linguístico, pois, para Langacker, “as categorias como nome, verbo, adjetivo e advérbio são semanticamente definíveis. Os itens lexicais são considerados unidades simbólicas, com um polo semântico e outro fonológico, sendo que o polo semântico que determina a categorização” (FERRARI, 2016, p. 70).

Dessa forma, para a Gramática Cognitiva, as predicções linguísticas se dividem em predicções nominais e relacionais. As predicções nominais designam coisas, entidades; uma região ou ponto em um domínio, funcionando como polo semântico de um nome.

As predicções relacionais se desdobram em: (a) processos, que correspondem aos verbos; e (b) relações atemporais, que incluem adjetivos, advérbios e preposições (LANGACKER, 1990, p. 49;51).

Ferrari (2016, p. 71) esclarece que “o nome, por exemplo, designa uma região em um determinado domínio”. Os adjetivos, por outro lado, “são categorias gramaticais que perfilam uma relação atemporal entre um atributo e uma entidade”. Em relação aos advérbios, ocorre processo semelhante, pois estabelecem uma relação atemporal. No entanto, os advérbios “costumam relacionar um processo e uma entidade”. Langacker esclarece que um advérbio é tradicionalmente definido como modificador de verbo, preposição, adjetivo e outro advérbio, e que na GC o advérbio é uma categoria caracterizada por perfilar relações temporais e atemporais. Ferrari (2016, p. 72) exemplifica da seguinte forma: “Em ‘Ele comia o sanduíche rapidamente’, o advérbio *rapidamente* indica que o processo temporal ‘ele comia o sanduíche’ estabelece uma relação atemporal com a região superior da escala de velocidade”. Assim, o advérbio coloca em proeminência o processo em si, isso é o que o diferencia do adjetivo, que coloca o foco no agente. E, por fim, os verbos “são palavras que perfilam uma relação temporal entre duas entidades”. Como foi dito pelo autor, as categorias gramaticais são responsáveis pela construção de significado que emerge no mo-

mento de uma conceptualização, que pode ser diferentes modos alternativos de interpretar o mundo, o que Langacker chama de *Construal* ou Perspectivação conceptual.

Silva (1997, p. 233) ressalta que a perspectivação conceptual envolve diferentes operações, dentre elas, destacamos a Proeminência.

Do ponto de vista gramatical, a Proeminência envolve dois aspectos importantes: o perfilamento e a saliência relativa de subestruturas de uma predicação. Ferrari (2016, p. 63) explica que o perfilamento “é um tipo de construção do significado que consiste no recorte conceptual de uma expressão em uma base conceptual mais ampla”. Usando um dos exemplos do próprio Langacker (1990, p. 34), temos a expressão ‘tio’ como perfilamento e a base é um conjunto de pessoas ligadas por uma relação de parentesco. Essa dimensão traz a noção de *trajetor* e *marco*. A assimetria *trajetor* e *marco* equivale à noção de figura/fundo gestáltica. O *trajetor* é geralmente a figura em destaque e em movimento; o *marco*, corresponde ao fundo e geralmente não tem movimento. Silva (2008, p.7) explica que:

A oposição Trajetor/Marco é um tipo de proeminência que ocorre nas categorias relacionais (todas as classes de palavras, excepto os nomes): um dos participantes é tomado como a entidade que está a ser localizada, descrita ou avaliada, sendo assim o Trajetor ou o participante focal primário (Figura), ao passo que o outro participante é considerado como participante focal secundário (Fundo).

Para a Gramática Tradicional, essa assimetria *trajetor/marco* corresponde ao sujeito e ao objeto, entretanto, para a LC, essa noção é muito mais ampla e determinante para a construção de significados. O perfilamento da expressão linguística é que vai colocar em proeminência uma ou outra entidade da mesma base conceptual.

De acordo com o ponto de vista de Silva (2010), o princípio da Linguística Cognitiva de que o significado se baseia na experiência e no uso motivou o surgimento da Sociolinguística Cognitiva.

SOCIOLINGUÍSTICA COGNITIVA: UMA NOVA VERTENTE DA SOCIOLINGUÍSTICA

A interface da Sociolinguística com a Linguística Cognitiva é uma abordagem relativamente recente em que poucos pesquisadores ousaram adentrar. Alguns linguistas cognitivistas europeus são considerados responsáveis por essa recente proposta, como: Gitte Kristiansen e René Dirven (2008), que elaboraram a obra intitulada: *Cognitive Sociolinguistics: Language Variation, Cultural Models, Social Systems*. Silva (2009, p. 192) explica que a obra

reúne estudos distribuídos por quatro áreas: teorização sobre variação semântica e lectal, investigação empiricamente orientada pelo método do corpus e por técnicas quantitativas avançadas sobre variação linguística regional e social, investigação sobre modelos cognitivos culturais subjacentes a atitudes linguísticas e políticas de língua e investigação sobre ideologias sócio-políticas e socio-econômicas.

De acordo com Ferrari (2016b, p. 135), a Sociolinguística Cognitiva incorporou métodos e *insights* oriundos da Sociolinguística e da LC, “elegendo a variação linguística baseada no uso como espinha dorsal de suas investigações”. Desse modo, Ferrari segue afirmando que “o novo campo tem o mérito de possibilitar a articulação de fenômenos que não haviam recebido a devida atenção nas áreas que o constituem”. Os estudiosos que mais se destacam nessa abordagem são Kemmer e Israel (1994), Kristiansen e Dirven

(2008), Harder (2010), Geeraerts (2003), entre outros. Ferrari (2016b, p. 135-136) explica que

De um modo geral, a Sociolinguística Cognitiva propõe que a compreensão acurada do uso da língua depende da consideração de fatores sociais e culturais em conjunção com fatores cognitivos. Assim, as pesquisas nas áreas não apenas enfatizam a atuação dos falantes, mas também levam em conta o lugar desses falantes na sociedade e sua participação em papéis sociais distintos.

Isso significa que a Sociolinguística Cognitiva amplia o quadro de fatores que implicam diretamente na escolha de uma variante linguística e passa a considerar pertinente na análise dos resultados a influência dos fatores cognitivos. Tal procedimento pode ser considerado como uma “expansão da investigação de propriedades da mente individual para propriedades das mentes em interação” (FERRARI, 2016b, p. 136). Além disso, representa uma interdisciplinaridade não só com a LC, mas também com a Antropologia e as Ciências Cognitivas. Silva (2009, p. 4) explica a inter-relação da Sociolinguística e da Linguística Cognitiva dizendo o seguinte:

Como modelo orientado para o significado, não poderá deixar de lado a variação sociolinguística, já que esta constitui uma forma específica de significado, quer como diversos tipos de significado não-denotacional, acima referidos, quer como, e em termos de Gramática Cognitiva (LANGACKER, 1987, 1991, 1999), subjectivização (LANGACKER, 1990), isto é, o processo que consiste em pôr elementos do acto de fala “em palco”, como foco específico de atenção (focalizar locutor e/ou alocutário como membros de determinado grupo social ou numa determinada relação interactiva ou focalizar a situação do acto de fala no sentido de implicar uma atitude específica). Como modelo experiencialista, não poderá deixar de lado a experiência colectiva, social e cultural.

Em outras palavras, não há como estudar o objeto de pesquisa proposto pela LC a não ser considerando o modelo sociocultural, já utilizado pelos sociolinguistas, uma vez que “a área estuda as atitudes implícitas e explícitas dos falantes em relação à variação linguística, bem como a maneira como as normas culturais e comunitárias se refletem em eventos de uso individuais” (FERRARI, 2016b, p. 136). Ou seja, nessa perspectiva, grande importância é atribuída aos falantes e sua participação em papéis sociais distintos. Os aspectos sociais e cognitivos, portanto, serão analisados através de métodos empíricos quantitativos e multivariacionais, característicos da Sociolinguística laboviana. Entretanto, esses métodos estão articulados com os conceitos e princípios da LC como a noção de categorização associada a protótipos, *frames*, espaços mentais e outros.

Silva (2009, p. 195) ainda aponta as quatro características da LC que comprovam uma inevitabilidade da Sociolinguística Cognitiva:

- um *modelo orientado para o significado*: sendo a função cognitiva básica da linguagem a categorização, então o significado será o fenômeno linguístico primário;
- um *modelo experiencialista*: o significado é enciclopédico e fundamenta-se na experiência humana em todas as suas dimensões;
- um *modelo baseado no uso*: o uso efectivo da língua, obviamente na interacção verbal;
- um *modelo recontextualizador*: reintroduzindo no estudo da linguagem as várias dimensões contextuais retiradas da gramática pelos movimentos autonomistas do século passado, quer o estruturalismo quer, sobretudo, o gerativismo.

Entende-se que essas características da LC aproximam de forma intrínseca as duas áreas de estudo, conduzindo num percurso do psicológico ao social, mas de forma alguma dissociando esses aspectos. Ora, se há um modelo orientado para o significado, e significado é conceptualização e conceptualização são os diferentes modos de conceptualizar determinada situação, necessário é destacar a presença da variação sociolinguística, pois é a variação que vai promover diferentes significados.

A teoria experiencialista que está associada à hipótese da corporeidade defende que a linguagem é um construto não só da experiência corpórea individual, mas também da experiência coletiva, social e cultural. Assim como, a LC é um modelo baseado no uso da língua, e a língua é um produto cultural, pois emerge dentro de uma determinada comunidade de fala e essa comunidade é constituída de falantes reais que usam variações. A Sociolinguística focaliza essa variação como objeto para seus estudos. Por fim, a LC é um modelo recontextualizador de acordo com o princípio de não-objetivismo, observando os diversos contextos situacionais, linguísticos e sociais da realização da fala.

Tendo em vista essas características básicas da LC, pode-se dizer que a Sociolinguística se encaixa perfeitamente nessa perspectiva cognitivista. Nesse sentido, Silva (2008, p. 56) assevera que “não se pode ter uma linguística *baseada no uso* se não se estudar o uso efetivo da língua, e o uso efetivo da língua manifesta-se em dados espontâneos e não eliciados de um *corpus* ou em dados eliciados de inquéritos, tarefas de resolução de problemas ou outras experimentações”.

Embora, haja essa compreensão, de acordo com Thomas (*apud* ABRAÇADO, 2015, p. 287), “a Sociolinguística tem examinado apenas esporadicamente a organização mental da linguagem. Indistintamente, as áreas da Linguística que lidam com a organização cognitiva também raramente têm se aprofundado no estudo da variação linguística”. Por isso, é importante que se promovam investigações voltadas para o estudo dentro da Sociolinguística Cognitiva.

Essa nova vertente da Sociolinguística associa teoria e métodos de diferentes áreas e aplica nas análises de fenômenos variacionais modelos cognitivos, dessa maneira, ela pode oferecer às investigações sociolinguísticas algumas contribuições, como expõe Silva (2009, p. 201):

Em primeiro lugar, a própria perspectiva cognitiva dos fenômenos variacionais; concretamente, a aplicação de modelos cognitivos descritivos no estudo da variação linguística. [...]. Em segundo lugar, a exploração da cognição social, elucidação da interação dialéctica entre o nível individual cognitivo e o lado social das normas coletivas. Finalmente, não menos importante, o desenvolvimento de métodos de análise multivariacional da confluência de factores conceptuais, estruturais e variacionais dos fenômenos linguísticos.

De forma geral, pode-se dizer que as contribuições da Sociolinguística Cognitiva se direcionam, principalmente, para a ampliação do campo de investigação da Sociolinguística, bem como para a revisão dos métodos de análises da Linguística Cognitiva. Nesse sentido, Silva (2009, p. 212) acrescenta que:

Por outro lado, a Sociolinguística Cognitiva vem contribuir para, e citando a expressão de Croft (2009), uma Linguística Cognitiva social. Ela vem resolver as tensões temáticas e metodológicas existentes no seio da Linguística Cognitiva,

entre o ‘cognitivo’ e o ‘social’ e o ‘cognitivo’ e o ‘empírico’. Ela vem mostrar que as capacidades cognitivas linguísticas se constroem e existem em função da interação social.

Sendo assim, a interface entre a LC e a Sociolinguística contempla uma lacuna existente em ambas as áreas de estudo, exigindo dos pesquisadores disposição para aplicar os métodos de análise em conjunto com os conceitos da perspectiva cognitiva.

PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS

Para a análise do fenômeno em foco, *uso e funções do item ‘mesmo’*, teve-se como *locus* o falar amazonense. A referida variedade resulta da miscigenação entre os povos nativos e os colonizadores europeus, especialmente indígenas, nordestinos e portugueses, assim como acontece em outras regiões do Brasil. Dentre as expressões ‘aparentemente’ amazonenses, de forma recorrente, aparece o uso do item ‘mesmo’, como em: *vou mesmo; é mesmo; barato mesmo; mesmo que; até mesmo; mesmo se; agora mesmo; tu mesmo*, dentre outros. A escolha, particularmente, para compreender o uso e a função desse item gramatical, dessa forma, deu-se, pelo fato de ser um fenômeno linguístico frequente no dialeto amazonense que, até o momento, é pouco pesquisado.

Para a coleta de amostras da fala amazonense, escolheu-se, especificamente, o município de Tabatinga, como comunidade de fala, por ser um município do Estado do Amazonas localizado na Tríplice Fronteira Brasil-Colômbia-Peru. Destaca-se que é uma região que se constitui num cenário de contato de línguas e, conseqüentemente, uma região onde se pode observar de perto o bilinguismo, o plurilinguismo e o multilinguismo. Por esse motivo, é uma região que precisa ser mais investigada, sobretudo, do ponto de vista linguístico.

Quanto à seleção dos participantes da pesquisa, levou-se em consideração as variáveis independentes extralinguísticas: *sexo, escolaridade e faixa etária*. No total, foram entrevistados 18 informantes, conforme estratificação social que consta na Tabela 1, a seguir:

	18 a 30 anos		31 a 50 anos		Mais de 50 anos	
	Homem	Mulher	Homem	Mulher	Homem	Mulher
Ensino Fundamental	1	1	1	1	1	1
Ensino Médio	1	1	1	1	1	1
Ensino Superior	1	1	1	1	1	1

Tabela 1: Estratificação social dos informantes entrevistados em Tabatinga (AM).

A coleta dos dados foi feita por meio de entrevistas sociolinguísticas com o recurso de gravação de áudio. As entrevistas foram realizadas no ano de 2019 nas residências dos entrevistados, no entanto, teve-se o cuidado de ser em ambiente sem muitas interferências externas. Seguindo as exigências da Plataforma Brasil, foi necessário apresentar o Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (TCLE) ao entrevistado para ficar ciente do trabalho e dos riscos e benefícios. Desse modo, o entrevistado era esclarecido sobre o objeto da pesquisa e isso, de certa forma, pode ter induzido ao uso do item ‘mesmo’ na sua fala. Mas, não houve nenhum tipo de indução da parte da pesquisadora. As perguntas feitas pela pesquisadora visavam possibilitar narrativas de experiência pessoais, de forma que os entrevistados ficassem à vontade para se expressar sem tanto monitoramento (sem um nível de atenção muito alto prestado à fala), levando em consideração, assim, o que Labov

(2008 [1972]) denomina de Paradoxo do Observador. Depois de gravadas, as entrevistas foram transcritas grafematicamente, observando a maneira de falar de cada informante. Realizadas essas transcrições, foram selecionados os trechos em que apareceram o item ‘mesmo’ e suas respectivas variações semânticas.

Para a análise dos dados, no que tange às variáveis internas (fatores cognitivos), aplicou-se o conceito de proeminência de Langacker (2008), ou seja, foram observados os contextos linguísticos nos quais o ‘mesmo’ põe em proeminência algum aspecto do enunciado (entidade, processo ou relação). A noção de proeminência é uma das operações de perspectivação conceptual que designa diferentes modos de conceptualizar uma situação. No que se refere às variáveis sociais (*idade, sexo e escolaridade*), foram gerados percentuais a partir das ocorrências do item ‘mesmo’ encontrados no *corpus* a fim de compreender o papel desses grupos de fatores em relação ao uso do fenômeno em foco.

CONHECENDO O OBJETO DE ESTUDO

A etimologia do item gramatical ‘*mesmo*’ traz consigo algumas questões incertas. De acordo com Nascentes (1932), esse item vem do latim vulgar **metipsimus*: *met* – prefixo do latim vulgar com função de reforçar pronomes; *ipse* – é um pronome demonstrativo dêitico referente a segunda pessoa do discurso; *imus* – sufixo formador de superlativos sintéticos (OLIVEIRA, 2013). Amorim (2009) acrescenta que esse termo tem como origem, não somente o pronome *ipse*, mas também o pronome demonstrativo *idem* do latim clássico, que tinha a função de indicar identidade e semelhança, portanto, fórico/referente.

Moreira (2007), Amorim (2009), Biasotto (2012) e Oliveira (2013) concordam unanimemente que o item ‘mesmo’ veio do superlativo de *metipse* do latim vulgar e que passou pelo processo de evolução fonética do latim vulgar para o português: *metipse* > **metipsimus* > **medipsimus* > **medesmo* > *meesmo* > *mesmo*.

Essas incertezas quanto à origem refletem diretamente nas definições e significados do item ‘*mesmo*’ e dificultam a elaboração do processo de gramaticalização. Devido a isso, para este trabalho, adotou-se a perspectiva de que o ‘mesmo’ teve duas origens distintas, mas muito próximas: *idem* e *ipse*.

No que tange ao item ‘*mesmo*’ quando deriva da raiz latina *Idem*, este tem a função de identificador e referente.

Moura Neves (2011, p. 492) assevera que ‘*mesmo*’ tem valor demonstrativo como indicador de identidade idêntica. Cunha e Cintra (2007, p. 329) concordam com a visão de Moura Neves e afirmam “*mesmo* e *próprio* são demonstrativos quando têm o sentido de ‘exato’, ‘idêntico’, ‘em pessoa’, e, ainda, acrescentam: “podem também ser DEMONSTRATIVOS o (*a, os, as*), *mesmo, próprio, semelhante e tal*”.

Da mesma forma, Cegalla (2008, p. 342) também afirma: “são os seguintes os pronomes demonstrativos: *este (s), esta (s), esse (s), essa (s), aquele (s), aquela (s), aqueloutro (s), aqueloutra (s), mesmo (s), mesma (s), próprio (s), própria (s), tal, tais, semelhante (s)*”.

No sentido de “o próprio”; “não outro”, vem sempre depois do substantivo ou pronome pessoal. Nesse caso, Moura Neves (2011, p. 492) afirma que ‘*mesmo*’ tem valor demonstrativo como reforçador de identidade.

Em relação à raiz latina *Ipse*, denota a função de reforço e exprime intensidade, e até gradação. Dessa forma, o ‘mesmo’ pode ser advérbio. Como advérbio de inclusão seu

significado se aproxima de *ainda, até, também, inclusive*. Nesse caso, expressa a ideia de inclusão e exclusão, no entanto, não há unanimidade entre os gramáticos, pois a maioria dá preferência para classificar esse sentido como partícula denotativa de inclusão/exclusão. Como exemplos, pode-se citar Cegalla (2008, p. 263) e Cunha e Cintra (2007, p. 552). Estes afirmam que “certas palavras, por vezes enquadradas impropriamente entre os advérbios passaram a ter, com a NGB, classificação à parte, mas sem nome especial”.

Quando é um advérbio modalizador assemelha-se a *de fato, realmente*, e indica certeza, confirmação. Em sua Gramática de usos do português, Moura Neves (2011, p. 237) trata de advérbios modalizadores e os classifica em epistêmicos ou asseverativos; delimitadores ou circunscritores; deônticos e afetivos ou atitudinais. E continua explicando que:

Os advérbios modalizadores compõem uma classe ampla de elementos adverbiais que têm como característica básica expressar alguma intervenção do falante na definição da validade e do valor de seu enunciado: modalizar quanto ao valor de verdade, modalizar quanto ao dever, restringir o domínio, definir a atitude e, até, avaliar a própria formulação linguística (MOURA NEVES, 2011, p. 244).

O ‘*mesmo*’ é classificado como um advérbio modalizador epistêmico que expressa “simples crença ou certeza do falante” (MOURA NEVES, 2011, p. 246). Nesse sentido, Cesário *et. al* (2018, p. 274) afirmam que os advérbios modalizadores epistêmicos “avaliam o conteúdo da oração, mas com um certo grau de certeza”. Castilho (2012, p. 555) explica que os modalizadores epistêmicos “expressam uma avaliação sobre o valor de verdade da sentença, cujo conteúdo o falante apresenta como uma afirmação ou negação que não dão margem a dúvida, tratando-se, portanto, de uma necessidade epistêmica”. Além disso, o autor deixa claro que o ‘*mesmo*’ pode ser considerado um advérbio modalizador epistêmico quando afirma “os advérbios *mesmo* e *realmente* são denominados modalizadores epistêmicos, admitindo que se organizam em duas subclasses, a dos asseverativos e a dos quase asseverativos”.

Como concessiva, ‘*mesmo*’ tem significado próximo de *embora, apesar de, ainda que*, e normalmente vem acompanhado de *que* (mesmo que) ou de gerúndio. As conjunções concessivas, de acordo com Castilho (2012, p. 377), “estabelecem contraste com a matriz, assumindo a estrutura “embora p, q”. Também figuram como conjunções concessivas *se bem que, mesmo que, apesar que*”. Em relação à essa função, Cunha e Cintra (2012, p. 586) apontam o ‘*mesmo que*’ como concessivo e explicam que as conjunções concessivas “iniciam uma oração subordinada em que se admite um fato contrário à ação principal, mas incapaz de impedi-la”.

Moura Neves (2011, p. 862) também atribui a ‘*mesmo*’ a função de conjunção concessiva na forma de locução conjuntiva, pois, nesse caso, sempre vem acompanhado pelo elemento *que*. A autora ainda acrescenta que “é comum o emprego de ‘*mesmo*’ antes da preposição *com* (p. 638), bem como, em casos de comparação de dois sintagmas verbais (dois verbos com um mesmo sujeito) que ocorrem em orações comparativas o ‘*mesmo*’ aparece em locução iniciando a oração: *do mesmo modo que* (MOURA NEVES, 2011, p. 899 e 907). Azeredo (2018, p. 371) confirma essa noção de comparação assimilativa por meio da expressão *da mesma forma que*.

Dessa forma, comprova-se que *'mesmo'* apresenta uma multifuncionalidade e um caráter polissêmico dentro da língua portuguesa. No falar amazonense, como mostraremos na análise dos dados, observam-se todos os usos aqui elencados.

Vejam, na Tabela 2, as diferentes funções e significados de *'mesmo'* encontrados na nossa amostra:

USOS LINGUÍSTICOS	FUNÇÕES	SIGNIFICADOS	TOTAL
Adjetivo	Atributivo	Semelhança	11
Advérbio	Inclusão	Inclusive/ até	04
Conjunção	Concessiva	Oposição/restricção	06
Advérbio	Reforçador	Realmente; de fato	58
Pronome	Intensificador	Em pessoa/ próprio	01
TOTAL DE OCORRÊNCIAS			80

Tabela 2: Total de ocorrências de usos, funções e significados de *'mesmo'* na modalidade oral em Tabatinga (AM)

Como se observa na Tabela 2, foram coletadas 80 ocorrências do item *'mesmo'* nas entrevistas realizadas com informantes de Tabatinga (AM). Ainda, o que se verifica é que *'mesmo'* não apresenta somente um significado, mas vários, sendo mais produtivo com a função/significado de advérbio reforçador (58 ocorrências). Daí a razão para nosso estudo estar focado nesse uso.

Para comprovação desses resultados, apresentamos alguns excertos de falas da nossa amostra em que *'mesmo'* tem as funções apresentadas na Tabela 2.

1) Adjetivo: indicando igualdade/semelhança

E – A senhora gosta de viver aqui em Tabatinga?

I – Gosto. Muito mesmo. Tabatinga aqui... Ela é tranquila, é muito tranquilo, bom, entendeu? Ninguém mexe comigo, eu não mexo com ninguém. Então, you vivendo da mesma forma com meus filhos também, entendeu? Dentro de casa a gente não sai assim... então, tudo bem. (Idade: + 30; Sexo: Fem.; Nível de escolaridade: Ensino Fundamental)

No exemplo (1), verificamos que o item *'mesmo'* tem sentido de semelhança e é variável, pois concorda em gênero com o substantivo e sempre vem precedido por um artigo. Nesse caso, o *'mesmo'* identifica, compara e/ou faz referência aos seres ou situações, de forma anafórica.

2) Advérbio: indicando inclusão

Se pessoas.... Elas fossem mais unidas e não só se importassem tipo com seu trabalho é um trabalho em grupo e alguém que tem uma parte ler e falar e não quer ajudar o outro tipo a pessoa não entendeu não quer ajudar não quer emprestar um livro e até mesmo ler e ajudar entender uma coisa tipo eu vejo que é errado ser assim tem que olhar e ajudar.

(Idade: +18; Sexo: Fem.; Nível de escolaridade: Ensino Médio)

O exemplo (2) ilustra o *'mesmo'* reforçando o sentido de inclusão. Em relação a essa função, não há unanimidade entre os gramáticos, pois alguns afirmam que o advérbio de inclusão é *até*; o *'mesmo'* apenas realça o sentido. Como exemplos, pode-se citar Cegalla (2008, p. 263) e Cunha e Cintra (2007, p. 552). Estes afirmam que “certas palavras, por vezes enquadradas impropriamente entre os advérbios passaram a ter, com a NGB, classificação à parte, mas sem nome especial”.

3) Conjunção: indicando concessão

[...] e também um país estrangeiro que é o nosso vizinho que faz fronteira com a gente que é a Colômbia, em Letícia, né, é onde eu sempre vou quando eu preciso comprar alguma coisa que não tem no meu país. Às vezes também a frequência da gente, de nós brasileiros, estarmos por lá nessa cidade vizinha, estrangeira é que é mais a questão dos preços também, né, questão dos preços lá, em relação aos preços de lá se comparando com os nossos daqui de Tabatinga, Brasil, os preços lá são totalmente mais baratos, mais em conta, mesmo que o câmbio suba um pouco mais, ainda assim é mais barato. E lá tem muitas coisas que a gente não encontra aqui em Tabatinga. (Idade: +18; Sexo: Masc.; Escolaridade: Educação Superior)

No exemplo (3) o *'mesmo'* tem o sentido de oposição, em que se tem uma oração subordinada na qual se admite um fato contrário à ação principal, mas incapaz de impedir que a ação ocorra.

4) Pronome pessoal: indicando igualdade

A disciplina preferida que eu lembro foi de recursos humanos, tivemos duas vezes, recursos humanos I e II o professor muito dinâmico e muito bom, professor que sabia explicar muito bem a disciplina e também ele permaneceu sendo o mesmo desde o início do curso ele não mudou; até o fim ele continuou sendo o mesmo professor [...] sabia explicar. (Idade: + 18; Sexo: Fem.; Nível de Escolaridade: Educação Superior)

O exemplo (4) mostra um caso do *'mesmo'* como pronome pessoal. Mas vale ressaltar que essa construção não é bem aceita pelos gramáticos, embora seu uso seja muito recorrente, inclusive em textos jornalísticos.

5) Advérbio: indicando confirmação

E- E o senhor gostava do seu trabalho?

I – Eu gosto. Gosto mesmo! Porque assim a gente tem que trabalhar onde se sente bem. Eu gosto muito mesmo. Às vezes minha mulher fica com raiva porque eu passo mais tempo no trabalho do que em casa, mas depois ela reconhece que isso faz bem as pessoas. (Idade: + 30; Sexo: Masc.; Nível de escolaridade: Ensino médio)

No exemplo (5), o *'mesmo'* reforça o verbo e expressa uma confirmação de um fato. Nesse caso, cabe a função de advérbio como modificador e reforçador.

6) Pro indicando identidade

Melhor, melhor não, porque toda aquela dificuldade, antes, você era criança, você trabalha e tudo, mas não tinha a responsabilidade que você tem hoje. Hoje você é dono do seu próprio negócio, da sua própria família, você tem aquela responsabilidade de assumir os atos se acontecer alguma coisa você não tem que pedir pra ninguém, você mesmo tem que resolver, mas, de uma certa forma é mais puxado pra você.

(Idade: + 50; Sexo: Masc.; Nível de escolaridade: Ensino médio)

No exemplo (6), o *'mesmo'* aparece reforçando o pronome pessoal e tem sentido de identidade. Nesse sentido de “o próprio”/ “não outro”, vem sempre depois do substantivo ou pronome pessoal.

Como se pode constatar, na modalidade oral amazonense, o item *'mesmo'* exerce várias funções. É importante retomar, ainda, que no falar dos moradores entrevistados em Tabatinga, a maior ocorrência de *'mesmo'* se deu como Advérbio Modalizador, na função

de reforçador (58 ocorrências). Na análise percentual, no que tange, particularmente, à influência dos grupos de fatores internos (cognitivos), portanto, daremos enfoque a esse uso.

A seguir, observaremos, primeiramente, a relação do uso do item *'mesmo'*, de maneira geral, com os grupos de fatores extralinguísticos controlados neste estudo (*sexo, idade e escolaridade*).

USO E FUNÇÕES DO ITEM 'MESMO' DE ACORDO COM OS CONDICIONADORES SOCIAIS (SEXO, IDADE E ESCOLARIDADE)

Das 80 ocorrências de *'mesmo'* encontradas na fala amazonense, os resultados apontaram, de maneira geral, que há pouca distinção no uso desse item quando se compara o falar de homens e mulheres, conforme nos mostra a Tabela 3, a seguir:

Informantes: sexo	Ocorrências	%
Masculino	38	47,6%
Feminino	42	52,4%
Total	80	100%

Tabela 3: Distribuição de ocorrências de *'mesmo'* na fala dos moradores de Tabatinga (AM), segundo o *sexo*.

Como se observa na Tabela 3, há uma distribuição homogênea dos usos do item *'mesmo'* na fala de homens e mulheres entrevistados em Tabatinga (47,6% e 52,4%, respectivamente), o que indica que o uso desse item não sofre tanta influência da variável *sexo*.

Segundo Paiva (2008, p. 34), não se pode ignorar que “o binômio forma padrão/forma não padrão e o processo de implementação de mudanças estejam associados ao gênero/sexo do falante e à forma social dos papéis feminino e masculino”. As diferenças na fala masculina e feminina são perceptíveis em certos aspectos como os aspectos suprasegmentais, mas há casos em que há uma proximidade linguística, como é o caso dos resultados apresentados na Tabela 3.

No que se refere aos usos e funções específicos do item *'mesmo'* de acordo com o *sexo*, encontramos os seguintes resultados:

FUNÇÕES	MASCULINO	FEMININO	TOTAL DE OCORRÊNCIAS
Atributivo	02	09	11
Inclusão	01	03	04
Concessiva	02	04	06
Reforçador	32	26	58
Intensificador	01	00	01
TOTAL DE OCORRÊNCIAS	38	42	80

Tabela 4: Distribuição de ocorrências dos usos e funções do item *'mesmo'* na fala dos moradores de Tabatinga (AM), de acordo com o *sexo*.

Conforme os resultados apresentados na Tabela 4, há uma pequena diferença entre homens e mulheres no uso do *'mesmo'* em todas as funções. Essa diferença não chega a ser determinante, portanto, não é possível afirmar que o sexo é um fator social que identifica as mulheres ou os homens como indivíduos que mais usam determinada função do item em estudo. Observamos, somente, vale destacar, uma maior diferença de uso entre o falar de homens e mulheres no que tange à função de “atributivo” (02 e 09 ocorrências, respecti-

vamente). Em relação ao uso e à função do item ‘mesmo’, especificamente, como reforçador, observamos um uso maior dessa função, mas muito sutil, na fala dos homens (32/58). Paiva (2008, p. 33) declara que “nas sociedades ocidentais, a existência de um vocabulário feminino e de um vocabulário masculino parece menos acentuada e tende, progressivamente, ao desaparecimento”. Na amostra aqui analisada, essa situação é perceptível.

No que diz respeito à variável *escolaridade*, encontramos a distribuição do item ‘mesmo’, especificamente, na função de reforçador, na nossa amostra, conforme ilustrado na Tabela 5, a seguir:

NÍVEL DE ESCOLARIDADE			TOTAL DE OCORRÊNCIAS
ENS. FUNDAMENTAL	ENSINO MÉDIO	EDUCAÇÃO SUPERIOR	
29	16	13	58
50%	27,6%	22%	100%

Tabela 5: Ocorrências do item ‘mesmo’ como reforçador na fala dos moradores de Tabatinga (AM), de acordo com a *escolaridade*.

Conforme observamos na Tabela 5, no falar dos moradores de Tabatinga (AM), o item ‘mesmo’ como reforçador é mais frequente na fala dos informantes com menor nível de escolaridade (50%), ao passo que é menos frequente na fala de informantes com maior nível de escolaridade (27,6% e 22%, respectivamente).

Segundo Votre (2008, p. 51), “a escola atua como preservadora de formas de prestígio [...]”, assim, compreende-se que as formas mais prestigiadas exercem maior influência nos indivíduos mais escolarizados. Nesse sentido, considerando que o uso de ‘mesmo’ como reforçador faz parte do dialeto amazonense, podemos levantar como hipótese que esse uso possa ser considerado pelos informantes entrevistados um modo de falar coloquial (“não padrão”), já que foi mais utilizado pelos menos escolarizados e, dessa forma, pode ser visto por alguns falantes (principalmente os de maior escolarização) como uma forma desprestigiada e que deve ser evitada. No entanto, para confirmar essa hipótese, é necessário a aplicação de testes de atitudes linguísticas.

Em relação à variável *faixa etária*, foi encontrado o resultado que consta na Tabela 6, a seguir, do item ‘mesmo’, particularmente, como reforçador:

FAIXA ETÁRIA			TOTAL DE OCORRÊNCIAS
18-30	31-50	+50	
24	16	18	58
41,4%	27,6%	31%	100%

Tabela 6: Ocorrências de ‘mesmo’ como reforçador na fala dos moradores de Tabatinga (AM), de acordo com a *faixa etária*.

Como se observa na Tabela 6, o uso do item ‘mesmo’ como reforçador, é mais frequente na fala dos mais jovens (41,4%), sendo menos frequente na fala dos mais velhos (27,6% e 31%, respectivamente). Conforme Coelho *et. al* (2015, p. 44), a relação entre a variação linguística e a idade do falante precisa ser bem observada, mas estudos feitos com essa variável mostram que há uma tendência para os falantes mais velhos preferirem as formas mais antigas. Como vimos na etimologia de ‘mesmo’, a raiz latina *ipse* indica reforço, portanto, essa função não é nova, mas não podemos esquecer que ao longo do tempo essa

função foi ampliada para outros contextos linguísticos, como vimos nas amostras. Nos nossos dados, por sua vez, o item *'mesmo'* com a função de reforçador parece ser a forma inovadora, tendo em vista que foi utilizada pelos informantes mais jovens.

Diante dos resultados encontrados neste estudo, pode-se afirmar que o grupo de fatores *sexo* não se mostrou relevante em relação ao uso do item *'mesmo'* como reforçador, já que observamos uma distribuição homogênea na fala de homens e mulheres. No entanto, os resultados encontrados para os grupos de fatores *escolaridade* e *faixa etária* evidenciam que essas variáveis atuam sobre o uso do item *'mesmo'* no falar dos moradores de Tabatinga (AM).

USO DO ITEM 'MESMO' COMO REFORÇADOR DE ACORDO COM A GRAMÁTICA COGNITIVA: OS CONDICIONADORES INTERNOS

Na análise em relação aos condicionadores internos, aplicou-se o conceito de perspectivação conceptual de Langacker (1987) com a oposição de *trajetor* e *marco* que, conforme já mencionamos, é um tipo de proeminência que ocorre nas categorias relacionais, a fim de observar o uso do item *'mesmo'* como reforçador.

Em outras palavras, analisamos se o *'mesmo'* contribui para o sentido do enunciado em que ocorre, colocando em proeminência uma predicação nominal, uma predicação relacional de processo ou uma predicação relacional atemporal. Nesse ponto, cumpre destacar que, em seu uso como reforçador, *'mesmo'* não altera a relação entre *trajetor* e *marco*. O que *'mesmo'* faz é colocar em proeminência algum aspecto do enunciado (entidade, processo ou uma dada faceta de uma relação). Em outras palavras, *'mesmo'* contribui para o sentido do enunciado em que ocorre, colocando em proeminência uma predicação nominal, uma predicação relacional de processo ou uma predicação relacional atemporal. Na análise dos dados veremos como isso ocorre.

A seguir, veremos alguns exemplos que foram extraídos do *corpus* de nossa pesquisa:

(01) Inf. Ah, eu conheci pessoas de muitos Do Amazonas, mas de vários municípios e cada um com seu sonho eu aprendi que... vivendo ali, que quem tem um sonho tem que enfrentar tudo mesmo, porque a gente passou por lances bem difíceis no tempo da faculdade. Foi quando a UFAM estava começando a ser construída. Lá não tinha praticamente nada, não tinha professor, não tinha sala, não tinha cantina, restaurante, não tinha comida pra vender, nem para vender não tinha, era uma situação bem difícil. Se a pessoa tem um sonho de se formar realmente enfrenta as dificuldades[...]

(mulher; +18 anos; educação superior)

Neste exemplo, o *'mesmo'* reforça o pronome indefinido *tudo*, ou seja, uma entidade de natureza nominal, catafórica, que faz referência a situações difíceis vivenciadas por pessoas da região quando estudam na Universidade. Então, o *'mesmo'*, nesse caso, põe em proeminência uma predicação nominal.

Vejam, agora, um exemplo em que *'mesmo'* reforça um processo:

(02) Ent. – Teve algum fato que marcou?

Inf. – Teve mesmo.

Ent. – Teve um momento assim que marcou? Você pode falar pra gente?

Inf. – Quando na escola Pedro Teixeira, a professora Ilma, ela sempre foi uma professora bem amiga, amiga mesmo. Sempre que a gente faltava muito as aulas ela sempre

dava um puxão de orelha. E aí a gente via que era aquela professora que tinha um cuidado especial com os alunos. Ela era uma professora de verdade mesmo.

Ent – Você conhece alguma lenda histórica daqui de Tabatinga ou do Amazonas?

Inf – Conheço mesmo. Tem a lenda da loura do açude que o pessoal falam que ela sofreu um acidente ali na curva entre o aeroporto e a Comara,

(mulher; +18 anos; ensino fundamental)

No exemplo (02), o item '*mesmo*' aparece como reforçador de processo (*conheço mesmo*). Como reforçador de processo, o referido item destaca uma relação temporal entre a entidade que está implícita na resposta a uma pergunta feita e o processo (*conhecer*), pondo em proeminência uma predicação relacional de processo.

Vejamos agora um exemplo em que '*mesmo*' reforça uma confirmação e põe em proeminência uma predicação relacional atemporal:

(03) Ent – Aí vendia na beira do rio mesmo pra quem passava?

Inf – era aqui mesmo no local que chama Terezina 4

Ent – e como a senhora veio para Tabatinga mesmo, pra ficar?

Inf – foi assim: aí eu me casei cheguei a idade de casar me casei aí tive meus filhos e lá não tinha estudo no beiradão aí veio dois primeiro trabalhar ali no CTP veio meus dois filhos mais velhos trabalhar no CTP eles tiveram trabalhando de graça mesmo só pra pagar comida e estudando porque lá onde nos morava não tinha estudo pra eles

(mulher; +50; ensino fundamental)

No exemplo (03), o item '*mesmo*' reforça um dêitico de lugar (*aqui*) e estabelece uma relação atemporal entre o processo (*vender*) e uma entidade (Teresina 4). Ao reforçar o dêitico de lugar, não altera a *trajetor*, mas destaca um aspecto do enunciado que é a exatidão do espaço ao qual o conceptualizador se refere. Dessa forma, o '*mesmo*' coloca em proeminência uma predicação relacional atemporal.

A seguir, no Gráfico 1, ilustramos os usos do item '*mesmo*' como reforçador, de acordo com a relação de predicação, nos dados aqui analisados:

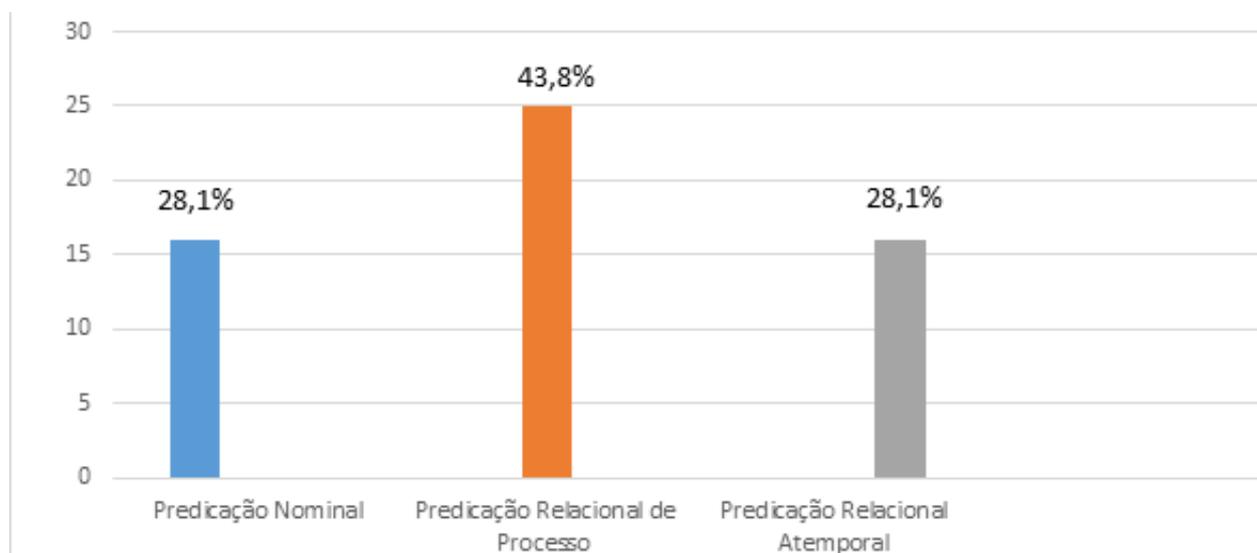


Gráfico 1: Percentual de ocorrências de '*mesmo*' como reforçador nas predicações linguísticas na fala dos moradores de Tabatinga (AM).

Os resultados apresentados no Gráfico 1 revelam que o item *'mesmo'* no falar dos moradores entrevistados em Tabatinga (AM) ocorre com mais frequência em contextos cuja predicação relacional é de processo (43,8%). Isso significa dizer que o aspecto do enunciado que é posto em proeminência é o processo. É importante compreender que as referidas predicações analisadas estão construídas dentro de contextos dialógicos, de interação entre a pesquisadora e o informante. Assim, constatamos que o *'mesmo'* como reforçador é muito proeminente nesses contextos. Em síntese, podemos representar a predicação relacional de processo, lançando mão da semântica das classes de palavra, segundo Langacker (2008, p. 116).

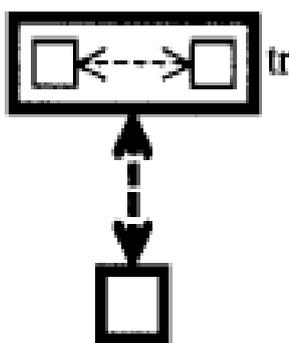


Figura 1: Representação semântica de predicações relacionais de processo, de acordo com Langacker (2008)

Fonte: Langacker (2008, p. 116)

Nessa representação é possível observar que o autor ilustra a relação atemporal que se estabelece entre uma entidade e um processo. Nessa relação atemporal, o significado do advérbio coloca em destaque o processo.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Diante do que foi discutido neste artigo, pode-se afirmar que a convergência da Sociolinguística Variacionista e a Linguística Cognitiva originou mais uma vertente da Sociolinguística: a Sociolinguística Cognitiva. A pesquisa empírica, nessa nova vertente teórica, alia os fatores externos (extralinguísticos) aos fatores cognitivos e reforçam-se as muitas hipóteses da Linguística Cognitiva.

O uso do item *'mesmo'*, investigado nesta pesquisa, comprovou que há diferentes modos de conceptualizar uma determinada situação, o que os cognitivistas chamam de perspectivação conceptual ou *construal*. Neste estudo, aplicamos o conceito de proeminência na análise de expressões em que *'mesmo'* aparece como reforçador. A análise dos dados, no que diz respeito a questões internas à língua (fatores cognitivos), levou-nos à conclusão de que na fala dos informantes entrevistados em Tabatinga (AM), o uso mais recorrente de *'mesmo'* é como reforçador, funcionando assim, como uma entidade adverbial. Para a LC, o advérbio aparece nas relações temporais e atemporais. Diante dos resultados, pode-se afirmar que o conceito de proeminência pode-se ser aplicado ao estudo de *'mesmo'* quando está na função de reforçador, uma vez que põe em proeminência um dos aspectos do enunciado seja uma entidade nominal, seja um processo ou uma relação atemporal.

No que tange a questões externas, observamos a influência, especialmente, da *idade* e da *escolaridade* sobre o fenômeno em estudo. Os resultados mostraram que o item *'mesmo'*,

especificamente, como reforçador acontece com mais frequência na fala dos informantes mais jovens e menos escolarizados, o que pode indicar que se trata de um uso “inovador”, assim como, pode-se pensar que se trata de um uso considerado “não padrão” na comunidade linguística investigada. No que se refere ao *sexo*, os resultados encontrados não mostraram diferenças significativas de usos entre a fala dos homens e das mulheres.

Dessa forma, acredita-se que conseguimos estudar um fenômeno linguístico em situações reais de uso, a partir do intercruzamento teórico-metodológico da Linguística Cognitiva e da Sociolinguística, articulando os fatores sociais e cognitivos.

COGNITIVE SOCIOLINGUISTICS: OTHER VIEW TO LINGUISTIC VARIATION

ABSTRACT: The main objective of this paper is to show the intersection between variationist sociolinguistics and cognitive linguistics, which resulted in a new side of linguistics: cognitive sociolinguistics. In this meaning, a theoretical exposition was made on the referred areas, their main concepts and contributions, based on the studies by Silva (1997) and Ferrari (2016). In data analysis, oral samples were collected from 18 residents of the City of Tabatinga in Amazonas. The results proved that there is a semantic variation in the use of ‘mesmo’ and, at the same time, in the contexts there is of conceptual perspective operation as Langacker’s prominence (2008).

KEYWORDS: Sociolinguistics. Cognitive linguistics. Linguistics variation.

REFERÊNCIAS

- ABRAÇADO, J. Variação e cognição. In: MARTINS, Marco Antonio; ABRAÇADO, J. (Orgs.) **Mapeamento sociolinguístico do português brasileiro**. São Paulo: Contexto, 2015. p. 287-298.
- ALKMIM, T. M. Sociolinguística. In: MUSSALIM, F.; BENTES, A. C.. (Orgs.) **Introdução à Linguística: domínios e fronteiras**. 9. ed. São Paulo, Cortez, 2012. p. 23-50.
- AZEREDO, J.C. de. **Gramática Houaiss da Língua Portuguesa**. 4.ed. São Paulo: Publifolha, Instituto Houaiss, 2018.
- CALVET, L. J. **Sociolinguística: uma introdução crítica**. Tradução: Marcos Marcionilo. São Paulo, Parábola, 2002.
- CEGALLA, Domingos Paschoal. **Novíssima gramática da língua portuguesa**. 48. ed. São Paulo: Companhia Editora Nacional, 2008.
- CEZARIO, M. M.; VOTRE, S. Sociolinguística. In: MARTELOTTA, M. E. (Org.). **Manual de Linguística**. 2.ed. São Paulo: Contexto, 2015. p. 141-155.
- CUNHA, Celso; CINTRA, Luís F. Lindley. **Nova gramática do português contemporâneo**. 3. ed. Rio de Janeiro: Lexikon Informática, 2007.
- COELHO, I.L.. *et. al.* **Para conhecer sociolinguística**. São Paulo: Contexto, 2015.
- DUQUE, P. H.; COSTA, M. A. **Linguística Cognitiva: em busca de uma arquitetura de linguagem compatível com modelos e categorização de experiências**. Natal, RN. EDUFRN, 2012.
- FERRARI, L. **Introdução à Linguística Cognitiva**. São Paulo: Contexto, 2016a.
- FERRARI, L. Sociolinguística Cognitiva. In.: MOLLICA, M. C.; FERRAREZI JR., C. (Orgs.) **Sociolinguística, sociolinguísticas: uma introdução**. São Paulo: Contexto, 2016b. p. 135-144.
- GEERAERTS, D. **Cognitive Linguistics: Basic Readings**. Katholieke Universiteit Leuven, Belgium, 2008. p. 1-28.
- GONÇALVES-SEGUNDO, P. Orientação argumentativa e cognição: a Dinâmica de Forças no debate acerca dos rolezinhos. In: **Revista Signo**. Santa Cruz do Sul. V. 42, n. 73, p. 200-212, jan./abril/2017. Disponível em [http://online.unisc.br/ser/index.php/signo] Acesso em: 7 de julho de 2018.
- LANGACKER, R.W. Cognitive Grammar: introduction to concept, image, and symbol. In.:

- GEERAERTS, Dirk. **Cognitive Linguistics: Basic Readings**. Katholieke Universiteit Leuven, Belgium, 2008. p. 29-67.
- LANGACKER, R. W. **Cognitive Grammar**. An Basic Introduction. Oxford University Press. 2008.
- MARTELOTTA, M. E.; PALOMANES, R. Linguística Cognitiva. In.: MARTELOTTA, M. E. (Org.). **Manual de linguística**. 2. ed. São Paulo: Contexto, 2015, p. 177- 192.
- MOLLICA, M.C. Fundamentação teórica: conceituação e delimitação. In. MOLLICA, M. C.; BRAGA, M.L. (Orgs.) **Introdução à Sociolinguística: o tratamento da variação**. 3. ed. São Paulo: Contexto, 2008, p. 9-14.
- MOURA NEVES, M.H.de. **Gramática de usos do português**. 2. ed. São Paulo: Unesp, 2011.
- SILVA, A. S.da. Sociolinguística cognitiva: razões e escopo de uma nova área de investigação linguística. In: **Revista Portuguesa de Humanidades: estudos linguísticos**. Faculdade de Filosofia da UCP, Braga, vol. 13-1, p. 191-212. 2009
- SILVA, A. S. da. A Linguística cognitiva: uma breve introdução a um novo paradigma em Linguística. **Revista portuguesa de Humanidades**, estudos linguísticos. Faculdade de Filosofia da UCP, Braga, Vol. 1, N° 1-2, p. 59-101, 1997.
- SILVA, A. S. da. Perspectivação conceptual e Gramática. **Revista Portuguesa de Humanidades: estudos linguísticos**. Faculdade de Filosofia da UCP, Braga, vol. 12-1, p. 17-44. 2008.
- WEINREICH, U.; LABOV, W.; HERZOG, M. I. **Fundamentos empíricos para uma teoria da mudança linguística**. Tradução: BAGNO, Marcos. São Paulo: Parábola Editorial, 2006.